

O letramento escolar e os processos de aquisição da escrita

School literacy and writing acquisition processes

Sandra Maria Lemos Campelo¹

Secretaria de Estado da Educação do Piauí

Flávia Alves de Freitas Oliveira²

Secretaria Municipal de Educação de Vargem Grande – Ma

Resumo: Neste artigo analisamos as ocorrências de falta de apropriação das convenções da escrita ortográfica ocasionada pela lacuna no letramento em textos escritos por alunos de nono ano do Ensino Fundamental, em situação escolar e em situação de convívio social – uso da língua nas interações em rede social: *facebook*. Os textos foram analisados com o intuito de observar a relação existente entre a fala e escrita, buscando explicar como a oralidade e as mudanças nos hábitos sociais, impulsionadas pelas mídias e tecnologias, interferem no uso e no aprendizado da língua escrita, no que concerne à grafia das palavras. As leituras realizadas e a análise dos fatos linguísticos demonstram que, apesar de estar concluindo a segunda etapa da educação básica, ainda é muito recorrente nos textos dos alunos a escrita de palavras baseadas na consciência fonológica, aqui compreendida como um recurso metalinguístico que associa letras a uma representação sonora. Além disso, é possível perceber que o dinamismo das línguas e a influência que o contexto social exerce sobre elas é fator determinante para a aprendizagem da língua. Nessa perspectiva, a prática pedagógica do professor de língua portuguesa, embasada na concepção de letramento, proporcionará mudanças significativas no trabalho docente, para a aquisição da linguagem escrita, porque direciona o aprendizado para uma prática contextualizada da cultura letrada.

Palavras-chave: Oralidade; Escrita; Ensino de Língua Portuguesa; Letramento.

Abstract: In this article, we analyze the occurrences of lack of appropriation of the conventions of orthographic writing caused by the gap in the literacy in texts written by students of ninth grade of elementary school, in a school situation and in a situation of social contact - use of the language in the interactions in Social network: *facebook*. The texts were analyzed with the intention of observing the relationship between speech and writing, seeking to explain how orality and changes in social habits, driven by media and technologies, interfere in the use and learning of written language, in what concerns the Spelling of words. The readings and the analysis of the linguistic facts show that, although the second stage of basic education is being completed, it is still very recurrent in the students' texts the writing of words based on phonological awareness, understood here as a metalinguistic resource that associates letters to A sound representation. In addition, it is possible to perceive that the dynamism of the languages

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Professora da rede pública de ensino do Estado do Piauí e da rede pública do município de Altos – Piauí. E-mail: campelolemos@hotmail.com.

² Especialista em Mídia na Educação pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professora da rede pública municipal de Vargem Grande – Ma e Orientadora de Estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. E-mail: flaviafreitas30@hotmail.com.

and the influence that the social context exerts on them is a determining factor for the learning of the language.

Keywords: Orality; Writing; Teaching Portuguese Language; Literature.

Introdução

Atualmente a educação escolar, enquanto função da escola, é mais do que nunca uma temática bastante estudada. Primeiro, porque, num contexto sócio-histórico, em nenhum período foi atribuído maior valor à educação que nos dias atuais. Isto se deve também ao fato de que a educação escolar, no Brasil, apesar da quantidade de políticas públicas empreendidas nesta última década, não tem alcançado as demandas existentes, ou seja, não tem conseguido articular-se às diferentes dimensões e espaços da vida social, perpassando pelos limites e possibilidades da dinâmica econômica, social, cultural e política. Segundo porque, no que concerne aos conhecimentos de base – ler, escrever e calcular – os índices obtidos nas ³avaliações de larga escala evidenciam uma lacuna, quando indicam que apenas uma parcela mínima de alunos consegue desenvolver as competências básicas para o período em que se encontra – fato que se percebe em todas as etapas da educação básica e também no ensino superior.

Os resultados obtidos pelos estudantes nas avaliações de âmbito nacional, realizadas principalmente nos níveis fundamental e médio das escolas públicas, demonstram as fragilidades que o sistema educacional brasileiro vem, ao longo dos anos, apresentando. Indicam, também, que um dos problemas mais frequentes nos alunos relaciona-se à escrita e à leitura que, por sua vez representam parte das dificuldades que os mesmos apresentam em uma sociedade, na qual os indivíduos necessitam tanto compreender o sentido da leitura e da escrita.

O ler e o escrever consistem em aprendizado permanente, pois à medida que se modificam as necessidades de comunicação de uma sociedade, também se modificará a linguagem para atender às novas exigências. Leitura e a escrita estão interligadas. Com o surgimento da escrita houve a possibilidade de registros mais concretos e duradouros, dando vida às ações e codificando assim, tanto a realidade, quanto a memória da humanidade. O ato de ler e de escrever sempre desempenhou papel muito importante em vários âmbitos da sociedade, sobretudo na atualidade, em que somos constantemente

³ PISA, ENEM e Prova Brasil.

solicitados a ler ou a produzir textos escritos em diversas situações do dia-a-dia. Trata-se, portanto, de uma temática de extrema complexidade, o que impossibilita uma discussão que alcance todos os seus aspectos e definições.

Com o intuito de tematizar parte de uma das dimensões referentes aos conhecimentos de base, definidos como função da educação escolar, o presente texto objetiva analisar a relação existente entre a fala e escrita, buscando explicar como a oralidade e as mudanças nos hábitos sociais, impulsionadas pelas mídias e tecnologias, interferem no uso e no aprendizado da língua escrita, no que concerne à grafia das palavras.

Em virtude dessas fragilidades na apropriação das competências linguísticas compatíveis com o nível de ensino em que o aluno se encontra, faz-se necessário um direcionamento propositivo para o uso efetivo da língua escrita em produções de alunos, bem como para a compreensão desses usos, tendo como base os estudos sobre o letramento, enquanto competência individual para utilizar um sistema de signos, dentre eles a escrita, para interagir em práticas sociais.

Para a análise foram selecionados textos escritos por alunos do nono ano do ensino fundamental em situação escolar e em situação de convívio social – uso da língua nas interações em rede social: *facebook*, uma vez que o uso da língua só tem sentido nesse vasto estuário no qual se misturam os conhecimentos oriundos da escola e vida.

O letramento escolar e o processo de aquisição da escrita

As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão.

Clarice Lispector

A citação de Clarice remonta a um dos princípios básicos e mais encantadores da linguagem humana: a capacidade de unir pequenos sons para transpor pensamentos, sensações, emoções e sentimentos; para representar o material no imaterial, explicitando a magia da linguagem. Magia que foi condensada por Saussure na dicotomia significante e significado, em que, segundo ele, “*o som, unidade complexa acústico-*

Afluente, UFMA/Campus III, v.1, n.2, p. 116-131, jul./set. ISSN 2525-3441

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

vocal, forma por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa, fisiológica e mental. [...] A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1998, p. 16).

Duas áreas, no contexto da Linguística, ocupam-se basicamente de estudar o significante, ou seja, a expressão fônica, os sons: a Fonética e Fonologia. São duas disciplinas interdependentes, uma vez que, para qualquer estudo de natureza fonológica, é imprescindível partir do conteúdo fonético, articulatório e/ou acústico, para determinar as unidades distintivas de cada língua. Mesmo não sendo uma concepção contemporânea, foi Saussure (1998) foi quem primeiro fez a distinção entre as duas ciências, através do uso de suas dicotomias (Langue/Parole, Forma/Substância).

A Fonética ocupa-se do estudo do significante sob uma perspectiva acústica e articulatória, cabendo a ela descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades acústicas e perceptivas. Fundamenta-se em estudar os sons da voz humana, examinando suas propriedades físicas independentemente do seu “papel linguístico de construir as formas da língua”. Enquanto que a Fonologia estuda as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se unem a diferenças de significação; estabelecendo a relação entre os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. Assim,

a Fonética é basicamente descritiva, a Fonologia é uma ciência explicativa, interpretativa; enquanto a análise fonética se baseia na produção, percepção e transmissão dos sons da fala, a análise fonológica busca o valor dos sons em uma língua – em outras palavras, sua função linguística (CAGLIARI & CAGLIARI, 2003, p. 106).

Desta forma, a Fonética e a Fonologia não são dicotômicas, pois a Fonética trata da substância da expressão, enquanto a Fonologia trata da forma da expressão, constituindo, as duas ciências, dentro de um mesmo plano de expressão.

As contribuições dadas por essas duas áreas da Linguística foram significativas para a compreensão da relação entre fala e escrita, ou seja, a percepção de que esta é uma convenção definida socialmente. Nesse contexto, o processo de escolarização visa, desde os primeiros anos, a conduzir o aluno a apropriação destas convenções, isto é, do

sistema escrito da língua, por meio do ensino-aprendizagem da escrita e da leitura, uma vez que da fala a criança se apropria no convívio familiar. A este processo de descoberta e apropriação do sistema alfabético e das particularidades da língua escrita convencionou-se chamar de alfabetização.

Sendo que a escola passou a ser a principal responsável por esse processo, absorvendo para si toda a sua complexidade, uma vez que, segundo Rojo:

conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve o despertar de uma consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. [...] Não há, como diria Saussure, “motivação” nessas relações: ou seja, diferentemente dos desenhos, as letras da escrita não representam propriedades concretas desses sons (2009, p.61).

Antigamente, acreditava-se que a criança era iniciada no mundo da leitura somente ao ser alfabetizada, esse pensamento foi ultrapassado pela concepção de letramento, que leva em conta toda a experiência que a criança tem com leitura, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos. Esse aprendizado se dá a partir da convivência com outras pessoas, com materiais escritos (livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens, entre outros), e com as práticas de leitura e de escrita da sociedade em que se inscrevem. Atualmente, não se considera mais como alfabetizado apenas quem consegue ler e escrever seu nome.

Dentro da perspectiva do letramento, termo introduzido nos estudos linguísticos no Brasil em meados dos anos oitenta para nomear fenômenos distintos da alfabetização, denominado por Magda Soares (1998, p. 91), como “exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita” - essa etapa de aquisição do conhecimento do sistema alfabético é apenas uma das habilidades a desenvolver, visto que o ser humano precisa conhecer e dominar as convenções ortográficas para tornar-se letrado, ou seja, ser capaz de interagir por meio da linguagem escrita. Entender o processo de alfabetização através da leitura e escrita, condição esta fundamental a integração na vida social,

Segundo Kleiman (2012) o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. Hoje, o letramento está intrinsecamente relacionado com as práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico nos diferentes contextos.

Fica assim, evidenciada a importância do contexto social, uma preocupação com o coletivo em detrimento do individual, como assevera Kleiman (2012) ao definir letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para a autora

o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o „impacto social da escrita“ (KLEIMAN, 2012) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita (...) (KLEIMAN, 2012, p.15)

Nessa perspectiva, pensar o trabalho com a linguagem, como uso social da língua requer conceber esse processo como uma constante interação, na qual os sujeitos, em convívio, participando de eventos e práticas de letramento, constroem identidades.

A educação escolar vive essa dinâmica, embora às vezes não a perceba ou a negligencie em função da base teórica, explícita ou implícita, que orienta a ação pedagógica do professor, visto como modelo ideal a ser imitado pela criança na resolução de tarefas cognitivas complexas que estão além da capacidade real da criança. Magda Soares, ao discorrer sobre alfabetização e letramento, evidencia que

não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais da escrita (1998, p. 45-46).

Os estudos e pesquisas sobre o letramento visam fornecer subsídios capazes de favorecer exatamente esse convívio com a linguagem escrita, para que o usuário da

língua possa apropriar-se de suas particularidades gráficas, estruturais, semânticas e genéricas.

Eis um dos grandes problemas da escolarização, as pessoas em fase de escolarização demonstram ter adquirido os conhecimentos básicos, mas, por viverem distantes da interação sistemática com leitura e escrita não conseguem se apropriar plenamente das convenções da escrita alfabética e das formas de organizar o discurso para interagir socialmente pela escrita.

Embora essa lacuna exista, não se pode afirmar que as pessoas, em convívio social, não participam de situações mediadas pela linguagem escrita: todas as atividades escolares são mediadas pela leitura, escrita e oralidade. As práticas sociais cotidianas, tais como ir ao médico, tomar um ônibus, fazer compras, trafegar em áreas urbanas ou rurais etc. – também são permeadas pela linguagem oral e escrita. Além de tudo disso, é constante a vivência nas redes sociais. Expressar o que sente, pensa e deseja é uma prática, cuja forma de dizer é determinada pelos padrões e convenções da grande rede – ambiente em que as imagens têm alto poder discursivo e as palavras são breves, escritas com base no valor sonoro das consoantes, o que dá as letras caráter morfológico⁴ (vc = você; pq = porque; qq – qualquer, etc.)

Com base nessas múltiplas formas de convívio com linguagem, Rojo (2009, p. 10) apresenta um conceito de letramentos, no plural, e o define como “um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos”. É importante considerar que, apesar da coexistência de todos esses espaços, a escola é um agente diferente, por ser a base para todas as outras formas de letramento que envolvem diretamente a escrita. A esse respeito Bortoni-Ricardo (2010, p. 24) salienta que “a transição do domínio do lar para o domínio da escola é também uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita”, ainda para a autora, o indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais do contexto em que está inserido.

⁴ Termo utilizado com base em Cagliari 2003, p. 102.

Assim, um falante nativo do português, por exemplo, após sua inserção ou “passagem” pela escola, inserido dentro do grupo dos “alfabetizados” provavelmente conseguirá associar sons a letras, decodificar uma palavra e/ou representá-la graficamente, embora nunca a tenha visto ou ouvido, todavia não se pode garantir que este falante conseguirá associar essa palavra a um significado ou representá-la ortograficamente correta. Cabe à escola garantir a aquisição desse conhecimento e a figura central neste processo é o professor, denominado por Kleiman (2012) como “agente de letramento”.

Por fim, para Soares (1998), o sentido ampliado da alfabetização, o letramento, designa práticas de leitura e escrita. Significa que a entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Também, o aluno precisa saber fazer uso, inserir-se e envolver-se nas atividades de leitura e escrita e apropriar-se do hábito de buscar um jornal ou revista para ler, de frequentar livrarias, enfim conviver cotidianamente com a leitura, o que vai contribuir de forma efetiva com a apropriação do sistema de escrita e por fim, tornar-se letrado, visto que o letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita

A escrita dos alunos: uma análise

A análise descrita neste estudo foi realizada com base na observação de textos escritos produzidos em situação escolar (sala de aula) e nas interações em rede social-*facebook* (situação de convívio social), uma vez que o uso da língua só tem sentido nesse vasto estuário no qual se misturam os conhecimentos oriundos da escola e vida.

Os alunos, público alvo do estudo, são mesma faixa etária, estão inseridos em contextos socioeconômicos bem semelhantes e estão cursando o nono ano do ensino fundamental de escolas públicas, localizadas em dois contextos diferentes: uma localizada na cidade de Altos – no estado do Piauí e a outra na cidade de Vargem Grande – no estado do Maranhão.

Esta análise concentra-se na observação da escrita ortográfica e demonstra que, apesar de estar concluindo a segunda etapa da educação básica, ainda é muito recorrente a escrita de palavras baseadas na consciência fonológica, aqui compreendida como um recurso metalinguístico que associa letras de forma consciente a uma estrutura fonológica de linguagem oral, uma representação sonora.

A consciência fonológica envolve: *discriminação fonológica*: capacidade de discriminar fonemas; *memória fonológica*: capacidade de memorizar palavras, sílabas e fonemas; *produção fonológica*: articulação das palavras e uso dos fonemas na fala.

A associação letra / som (consciência fonológica) inicia ainda no processo de alfabetização, sendo fundamental para a aquisição da leitura e escrita. A criança nessa fase começa a escrever pelas associações sonoras e, à medida que vai convivendo com a linguagem escrita, vai se apropriando das convenções ortográficas. Espera-se que o aluno ao final do ensino fundamental já tenha se apropriado:

das regras do sistema de escrita [...] compreenda que os fonemas, unidades sonoras da língua, são representados por grafemas na escrita. [...] aprenda as relações de correspondência entre fonemas e grafemas. [...] também é preciso considerar que essas regras de correspondência são variadas, ocorrendo algumas relações mais simples e regulares e outras mais complexas, que dependem da posição do fonema-grafema na palavra (são posicionais), ou dos fonemas/grafemas que vêm antes ou depois (são contextuais) (SILVA, 2010, p. 51).

Todavia, conforme demonstraremos na sequência, observa-se que ainda é muito recorrente, nesta fase da escolarização:

Uso indevido de letras

O uso indevido de letras ocorre principalmente em palavras cuja relação fonema / grafema não é regular. O aluno faz a associação fonema / grafema com base no que é possível na língua, cometendo erro de transcrição da fala para a escrita, ou seja, escreve a palavra do jeito que é pronunciada. Vejamos as transcrições⁵:

⁵ As transcrições foram fiéis às produções dos alunos.

Exemplo 1: Um garoto chamado Cauê, não falava com ninguém, pois era muito tímido. Até chegar um menino na escola, eles estudavam juntos e faziam trabalhos sempre por serem tímidos ambos quase não se falavam. Um dia Cauã foi até onde o menino estava, **puchou** conversa (...).

Exemplo 2: Eu um ratinho. Quando vir aquela linda **siderela** nas mãos de sua madrasta e suas duas filhas mar! fiquei com tanta pena da sofrida **siderela**.
— Mas Deus é tão justo que um dia o príncipe do palácio convocou um baile...

Exemplo 3: Em um lugar distante vivia um garoto de ouro, muito criativo mas estava muito **dezamparado**, o garoto por ser de ouro tinha muito medo de ser raptado....

Exemplo 4: (...) Raimundo conheceu muitos amigos, mais quando Raimundo disse que ia embora todos ficaram triste disseram para ele não ir. Mas Raimundo disse que ele ia para fazer sua lição de casa. Raimundo disse que ia ficar com muita saudade e que ia **voutar** com seu gato para **vizitar** eles. (...)

Exemplo 5: (...) Dado convidou o colega dele Tião para ir pescar, Tião falou que sim. Então quando viram outro gato de olhos estranhos cor de prata e eles **casavam** (o aluno quis dizer caçavam) sua comida **sosinho**.

Exemplo 6: Huni era um rapaz **fransino** que tinha uma bicicleta que amava muito era o tesouro dele.

Supressão ou acréscimos de fonema⁶ caracterizado pela falta de compreensão da complexidade das relações entre letras e sons do sistema ortográfico, o qual não é apenas foneticamente motivado.

Exemplo 7: (...) Então quando viram outro gato se **ajuntaram** e começaram degolar galinhas no bosque que tinha na casa de dado.

⁶ As transcrições foram fiéis às produções dos alunos.

Exemplo 8: **Ne um dia** claro e muito bonito, um ratinho chamado João, encontra-se com outro ratinho muito conhecido que era seu melhor amigo...

Exemplo 9: (...) Então a linda moça entrou no palácio. Passou alguns minutos e lá vem a linda moça **correno** toda esfarrapada e homem muito bem vestido **gritano**: **seguria, suguria** a esfarrapada. O homem tenta segura, mais de uma hora para outra, a **carrossa** se transforma novamente em **abobra** e eu volto a ser um rato...

Exemplo 10: (...) Buster aprendeu vários truques como, super pano na garganta, Buster tirava em média 18 metros de pano, fino de sua boca, quando gostava de fazer mágica, usava sua **ropa** de mágico, sua **ropa** era um chapéu enorme com uma ponta, mais parecia um chapéu de bruxa, e sua camisa era uma cheia de estrelas, seu **sinturão** tinha vários e vários **síbolos**...

Exemplo 11: O livro fala de um menino que tinha a cabeça pelada e os olhos preto e o outro azul. Falava que os meninos que morava na mesma rua mangavam dele e chamava de cabeça pelada. Um dia Raimundo passou seu quintal e foi para uma cidade que tinha pessoas igual a ele, no meio do caminho um carro ia peitar no Raimundo, mais o menino viu dois olhos no lugar dos **peneos**, ele também conheceu uma **laranjera**, que era muito educada e Raimundo pediu laranja a ela.

Nos exemplos 7 a 11 observa-se que o aluno apoia-se na oralidade, ou seja, suprime fonemas porque na fala ele também o faz. Observa-se ainda essa influência na oralidade no que tange à concordância verbal e nominal indicando o desconhecimento das regras, além de estarem relacionados, em muitos casos, à transcrição de padrões de fala socialmente estigmatizados. (os olhos preto, os meninos que morava na mesma rua mangavam dele).

Já nos exemplos 1 a 6, observa-se que os alunos não se apropriaram ainda da convenção ortográfica. Bortoni-Ricardo (2005) explica que esses erros são decorrentes da transposição de hábitos da fala para a escrita, seja pela interferência de regras

fonológicas variáveis, seja pela falta de familiaridade com as convenções da língua escrita.

Os alunos não conseguem “*estabelecer, com segurança, as relações complexas envolvidas no que podemos chamar de ortografização [...] processo difícil e longo, que toma todo o ensino fundamental e que se estende por toda a vida, quando se trata de vocabulário novo para nós* (ROJO, 2009, p. 68). Interessante é observar que palavras como *chegar, disse, lição, saudade*, por exemplo, são grafadas corretamente, possivelmente por fazerem parte da vivência do aluno ou por serem de uso mais comuns. Esse fato demonstra que é o convívio com a língua escrita que possibilita o domínio das regularidades da escrita e das convenções ortográficas.

Durante a análise dos textos, observou-se, também, a ocorrência de redução da extensão das palavras. Interessante observar que a redução não ocorre de forma aleatória, pois buscar manter a base semântica da palavra. São exemplos de redução:

1. Pq > porque, Tb > também, vc > você, msm > mesmo. Observa-se nas quatro ocorrências a preservação das consoantes mais sonoras das palavras.
2. D+ > Demais, v6 > vocês. Uso da escrita ideográfica – sistemas de escrita baseados no significado (CAGLIARI, 2003, p. 99). Os grafemas são associados a símbolos da matemática para complementar sua base semântica.

Observa-se também, nos textos dos alunos, a recorrente redução das palavras, por exemplo, o uso do pq > porque, ñ > não, vc > você. Trata-se de outro fenômeno: a influência da linguagem utilizada nas redes sociais, na produção escrita dos alunos.

A consciência fonológica, habilidade de grande importância no domínio da escrita alfabética, pois é uma aprendizagem que supõe a associação entre grafemas e fonemas, explicita-se mais uma vez quando o aluno representa as palavras pelos fonemas consonantais e no segundo caso pela notação gráfica (~) que marca a nasalização dos fonemas /ã/. Ocorrências como essa são comuns na escrita de jovens quando interagem por meio das redes sociais – principalmente o *facebook*, como se pode perceber nos exemplos que seguem, escritos por jovens no *facebook*:

1. “Na vida **kda** final é um novo começo!
Afluente, UFMA/Campus III, v.1, n.2, p. 116-131, jul./set. ISSN 2525-3441

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Boa noiite”

2. “Não busco a perfeição in ninguém, não quero que **buskem** issu em mim..

Pow..Pq perfeito **msm** e Deus..

#Boa_noit_”

3. “Aprenda a ir embora da vida das pessoas, que elas irão aprender a te dar valor”.

Boa noite pra **v6**.

O uso de grafias como “kda > cada, buskem > busquem, msm > mesmo” representam o uso da língua pelo viés da consciência fonológica. Cabe, nesse contexto, *uma reflexão sobre a relação entre frequência de uso e sentimento de regularidade desse mesmo uso. O uso cristaliza, fixa, por repetição, as expressões preferidas pelos membros da comunidade* (VOTRE, 2004, p. 52). Por ser comum a redução das palavras nos textos produzidos nas interações sociais via internet, o aluno reproduz isso com naturalidade, tanto nas redes sociais, quanto nos textos produzidos em situações escolares. Percebe-se, assim, mais uma lacuna no seu processo de letramento, uma vez que ele não consegue ou não busca adequar a escrita ao contexto de uso.

Em 3, a redução do vocábulo vocês se deu de forma muito mais interessante: o **v** representa a primeira sílaba da palavra – **vo** – e o algarismo **6** representa a sílaba **cês**, acrescida do fonema /i/ que surge na palavra motivado pela oralidade. Outro fator a considerar é a forma como a linguagem da internet estabelece *a passagem do signo-imagem ao signo-som* (ROJO, 2009, p. 62).

Observa-se, por meio desses exemplos, como a escola, o professor de língua materna não pode mais centrar-se simplesmente no ato de alfabetização dissociado do letramento, pois as demandas sociais impõem a formação de um sujeito capaz de interagir nas mais diversas situações, adequando-se ao contexto linguístico. Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira alertam para esse fato e ressaltam que “todo professor é por definição um agente de letramento e que todo professor precisa familiarizar-se com metodologias voltadas para as estratégias facilitadoras da compreensão leitora” (2010, p. 16). Faz-se necessário, portanto, que todos os professores envolvidos no contexto de sala de aula, não apenas os professores de língua portuguesa, sejam

responsáveis por trabalhar estratégias de leitura e de escrita de forma a conduzir os alunos para a compreensão e construção de sentidos.

Considerações finais

Das leituras realizadas à análise dos fatos linguísticos aqui apresentados foi possível tecer uma série de relações conceituais, que vão desde a percepção do dinamismo das línguas e da influência que o contexto social exerce sobre elas à consolidação de uma defesa pelo ensino voltado para a perspectiva do letramento escolar e social. Muitos são os fatores que podem influenciar a leitura e a escrita, mas inicialmente é na família e na escola que se devem acontecer as formas estimuladoras de incentivo à leitura

Essa defesa fundamenta-se na ideia de que é necessário criar estratégias para que o aluno conviva com a língua escrita para poder apropriar-se dela, uma vez que a escrita não possui, conforme já dito anteriormente, associação direta com a fala. As palavras são convenções que se aprendem em sociedade. Nessa perspectiva, o professor de língua portuguesa não pode desconsiderar que palavras associam-se a coisas do mundo, ou seja, a apropriação do vocabulário é também apropriação de um sistema de referência. O aluno aprende a escrever casa, por exemplo, e, para usar o que aprendeu em outro contexto, ele precisa referenciar essa palavra, pois do contrário o aprendizado não terá sentido.

É na escola, espaço privilegiado de ensino e pela mediação do professor, que os estudantes aprenderão a ler, a escrever e a enxergar sua própria realidade e a realidade do outro. Essa relação é essencial ao aluno que pelo contato e exploração de diferentes textos e por meio de ações intermediadas, passará a interagir com seus pares, a produzir um conhecimento partilhado e com isto conseguir representar oralmente e por escrito, sob vários registros verbais, seu pensamento, sua experiência prévia de vida e seu conhecimento coletivo de mundo.

A análise dos textos de alunos tanto em situação escolar, quanto em situação social demonstra esse sistema de referência, todavia construído pela experiência com a oralidade, o que denota uma fragilidade no letramento escolar no que tange aos métodos

e estratégias utilizados para o ensino da língua escrita. Isso pode ser superado através de práticas voltadas para o convívio com leitura.

O exercício constante com a escrita é outro fator relevante para ortografização. Escrita esta que precisa ter funcionalidade para o aluno, não basta pedir que ele escreva, é necessário criar contextos específicos e trabalhar desde muito cedo com o aluno as etapas de revisão e reescrita de textos, associado a noção de que pela linguagem nos revelamos, emitimos juízo sobre o eu e sobre o outro.

O trabalho com a língua segundo concepção de letramento oferece essas possibilidades. Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010), no livro *Formação do professor com agente letrador*, apresentam as matrizes de referência para a formação e o trabalho do professor como agente de letramento de forma bem simples e concisa. Os autores defendem a concepção de letramento, analisam práticas docentes e enfatizam que “há uma diferença crucial entre ajudar um aluno a dar uma resposta e ajudá-lo a atingir uma compreensão conceitual que lhe permitirá produzir respostas corretas e pertinentes em situações semelhantes” (2010, p. 28), propondo, assim, uma nova pedagogia de ensino.

Nessa perspectiva, a prática pedagógica do professor de língua portuguesa, embasada na concepção de letramento, proporcionará mudanças significativas no trabalho docente, para a aquisição da linguagem escrita, porque direciona o aprendizado para uma prática contextualizada da cultura letrada. O texto passa a ser eixo estruturante para o desenvolvimento da leitura e da escrita em diversas situações sociocomunicativas. Assim, tanto as unidades maiores (frase, período, parágrafo, texto, etc.) quanto as menores (letras, fonema, grafema, sílaba, etc.) são aprendidas relacionalmente. Assim, o professor – enquanto mediador do processo de ensino- deve buscar promover de forma efetiva práticas de leitura e de escrita tornando as relevantes para a formação de cidadãos que por meio da língua (inter)agem na recepção e produção de textos, orais e escritos, de forma dialógica e contextualizada.

É fato que, o contexto da escola pública – número de alunos por sala, contexto sociocultural em que vivem os alunos e tantos outros fatores – apresentam-se como grandes desafios para implementação desse trabalho pelo professor, todavia não se pode

encontrar e sustentar no outro justificativa para uma ação que se conhece ser adequada e se apresenta como responsabilidade docente.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO S. L.; CASTANHEIRA, V. R. **Formação do professor como agente letrador.** São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. (Orgs.) **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito.** São Paulo: Parábola, 2013.

CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonética.** In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 1 - 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, A. *Os significados do letramento.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

MORI, Angel Corbera. **Fonologia.** In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 1 - 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, Paulo Chagas de; SANTOS, Raquel Santana. **Fonologia.** In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística: princípios e análise.* 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

VOTRE, Sebastião Josué. **Relevância da variável escolaridade.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.* 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.